

# A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS PADRÕES ALIMENTARES CORPORATIVOS

*Hernando Salcedo Fidalgo*

**Hernando Salcedo Fidalgo** é médico cirurgião da [Universidade Nacional da Colômbia](#) e coordenador da Línea de Nutrição da [FIAN Colômbia](#). É mestre em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, e pesquisador associado ao Grupo de Sociologia Pragmática e Reflexiva deste centro de educação superior e pesquisa. Atualmente, Salcedo pesquisa a relação entre processos alimentares, sistemas produtivos, biologia e doenças.

A [FIAN Colômbia](#) é uma divisão da FIAN Internacional, estabelecida em 2013. Entre as atividades que lidera, destacam-se os programas de formação para as comunidades cujo direito humano à alimentação e nutrição adequadas foi violado. Com este objetivo, ela coordena processos de empoderamento e programas de encontros, intercâmbios e outros eventos que permitem compartilhar experiências comunitárias. A FIAN Colômbia é líder em ações de incidência em DIVERSOS espaços internacionais de direitos humanos e apoia o sector de políticas públicas ligadas à alimentação e à gestão dos recursos naturais e nos territórios da Colômbia.

*“É evidente que, com as práticas alimentares atuais, as sociedades contemporâneas têm contribuído, através dos sistemas alimentares denominados modernos, à crise da biodiversidade e ao aumento do risco do aparecimento e permanência de novas zoonoses, como é o caso da pandemia do COVID-19.”*

#### AGRADECIMENTOS |

Este artigo é reflexo de um trabalho coletivo. Um agradecimento especial à equipa de trabalho da FIAN Colômbia por sua contribuição para a construção desta proposta (Juan Carlos Morales González, Ingrid Paola Romero Niño, Shirley Andrea Rodríguez, Mylena Gualdrón, Carolina Carvajal Castro, Adriana Fuentes, Milena Perdomo, Claudia Vaca, Diana Sánchez e Nubia Hernández) bem como à Marcela Santamaría (Asociación Red Colombiana de Reservas Naturais da Sociedade Civil – Resnatur), Isabel Álvarez Vispo (URGENCI), Philip Seufert e M. Alejandra Morena (FIAN Internacional) pelo apoio na revisão deste artigo.

FOTO | © Ricardo Pravettoni

1 R.A.Kock, et.al, “2019-n CoV in context: lessons learned?”. Disponível (em inglês) em: [https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196\(20\)30035-8/fulltext#%20](https://www.thelancet.com/journals/lanplh/article/PIIS2542-5196(20)30035-8/fulltext#%20) Vol 4, março de 2020.

Desde o início deste ano, e sem dúvida em tempos vindouros, a avassaladora literatura publicada sobre o SARS-CoV-2, o vírus responsável pela pandemia em curso, é abundante. O debate alimentar também surge na linha de frente, mas mais como um problema de segurança alimentar convencional, em termos de abastecimento de alimentos durante medidas como o confinamento, que como um objeto relevante de análise estrutural. Neste artigo, queremos oferecer outra visão dos vínculos entre crises de saúde e o processo alimentar.

#### O CORONAVÍRUS E OS PROCESSOS ALIMENTARES: LIÇÕES APRENDIDAS

Num artigo publicado em março na renomada revista médica *The Lancet*,<sup>1</sup> são feitas duas afirmações que oferecem perspectivas para uma análise da atual emergência sanitária. Por um lado, a autora e autores estabelecem um vínculo entre “sistemas alimentares de origem animal” e a pandemia. Por outro, afirmam que o vírus da família corona (SARS CoV-2), agente infeccioso desta pandemia, ganha acesso à espécie humana por um processo zoonótico, ou seja, um processo de transmissão de animais a humanos.<sup>2</sup> Tais afirmações questionam as hipóteses conspirativas sobre a sua origem, como por exemplo a da sua criação num laboratório, e reforçam a importância de fatores estruturais ligados à realização do direito humano à alimentação e nutrição adequadas.

O artigo questiona os determinantes tradicionais que fazem parte do argumento usado para explicar a pandemia, pois apresenta o debate sobre os sistemas alimentares industriais<sup>3</sup> como o centro da discussão. Não obstante, é necessário destacar

que o artigo analisa o problema a partir de uma visão tradicional da higiene. Portanto, ele parte da premissa de que a situação atual é resultado de contágio devido a um agente microbiano externo, que atua contaminando seus hóspedes dentro de um circuito de relações adversas de proximidade entre animais silvestres e a espécie humana.

Com base na demonstração do modo de transmissão das zoonoses detectadas ao longo das duas últimas décadas, a prestigiada equipe de pesquisa afirma que a cadeia de contágio é evitável com medidas claramente eficazes, que consistem na regulamentação das práticas dentro dos mercados húmidos de alimentos de origem animal (como o de Wuhan, onde se supõe que a pandemia foi iniciada). Esses mercados são espaços abertos informais, próprios de culturas com padrões alimentares enraizados a fortes tradições, nos quais a água mantém limpo aquilo que se exhibe e se vende, e ao mesmo tempo pode ser meio de vida de espécies vivas.

Fiel aos modelos lineares e causais da ciência positivista, o artigo apela para a teoria microbiana da doença, descoberta no século XIX, e centra-se em buscar a causa da dispersão da enfermidade através da promiscuidade entre espécies, cuja origem seriam as interações que ocorrem nestes mercados. A seguir, queremos demonstrar que os sistemas alimentares contemporâneos são geradores de doenças e disfuncionalidade desde o surgimento da era industrial e que estão profundamente implicados na atual pandemia. Propomos, portanto, um modelo de leitura não positivista deste momento histórico, que aponta a um horizonte analítico e holístico do processo alimentar.

#### **A TRANSMISSÃO DE DOENÇAS INFECIOSAS ENTRE ESPÉCIES: CHAVES DA BIODIVERSIDADE<sup>4</sup>**

É primordial compreender que a relação entre hóspedes na transmissão de doenças infecciosas costuma limitar-se a uma determinada espécie. Isso significa que, a princípio, a transmissão entre espécies diferentes é um fenômeno não habitual que requer condições especiais, as quais queremos destacar. A pergunta central em torno deste problema é que tipo de situação se requer para que esse salto de contágio ocorra de uma espécie para outra.

Desde o ponto de vista científico, considera-se que a proximidade inusual entre espécies por meio da prática dos mercados de peixes e animais é um fator de risco. Este tipo de afirmação, apoiada pela narrativa da ciência oficial, tem legitimado uma percepção que estigmatiza e vê de forma discriminatória, racista e prejudicial as práticas tradicionais dos mercados abertos. Nestes locais, pessoas que se dedicam à produção e à agricultura tradicional costumam oferecer os seus produtos. Para elas, o mercado não só é um espaço limpo, mas os animais inteiros, vivos ou mortos, constituem um valor agregado porque o alimento é exibido na sua essência “natural” sem ser processado. Visto dessa forma, o problema está longe de ser um assunto de higiene convencional.

A transmissão de uma doença infecciosa de uma espécie a outra ocorre por mudanças evolutivas, relacionadas com a fragilização dos ecossistemas e com a perda de sua biodiversidade. O risco de doenças infecciosas é um indicador da redução da biodiversidade,<sup>5</sup> já que um esforço maior de conservação associa-se a uma quantidade menor de transmissão de infecções zoonóticas.<sup>6</sup> Este efeito, conhecido como efeito de diluição, é um “serviço ecossistêmico de regulação das doenças”.<sup>7</sup> O co-

2 Zoonose é conhecida como a transmissão de doenças, no geral infecciosas, de uma espécie animal à espécie humana. Também se fala de zoonose inversa, quando a transmissão ocorre de humanos a animais. Esta terminologia de “inversão” será tema de debate mais adiante.

3 A noção de sistemas alimentares tem sido construída com base na consideração de que a alimentação é um fenômeno que requer a consideração de variantes múltiplas, que devem ser entendidas através da teoria geral de sistemas, para que se consigam intervenções que modifiquem os obstáculos ao seu funcionamento. Esta perspectiva pode ser alvo de críticas do ponto de vista da complexidade, que não só assumam estas variáveis como elementos de um conjunto afetado por aqueles que “entram” ou “saem” dele, mas como um processo integral e complexo. É pela afirmativa anterior que preferimos nos referir a processos alimentares, quando os entendemos de forma integral, e de sistemas alimentares, quando refere-se ao processo alimentar industrial.

4 Shuo, Su et.al, “Epidemiology, Genetic Recombination, and Pathogenesis of Coronaviruses”, Trends in Microbiology, Junho de 2016, Vol.24, No.6.

5 S.Morand, “Biodiversité, élevage et maladies infectieuses”, Biodiv 2050, No. 19, Dezembro de 2019.

6 Op.cit. 5.

7 Op.cit. 5.

8 Sobre esse tema, são altamente atuais trabalhos como o que se segue, e uma entrevista com seu autor, Rob Wallace. Disponíveis (em inglês) em: <https://monthlyreview.org/2020/04/01/covid-19-and-circuits-of-capital/>; <https://monthlyreview.org/press/who-should-we-blame-for-coronavirus-rob-wallace-has-some-answers/>.

9 O Grupo de Especialistas de Alto Nível (conhecido como HLPE na sigla em inglês) do Comitê de Segurança Alimentar Mundial (CSA) da Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), publicou em seu relatório No. 12, de 2017, um modelo conceitual no qual construiu a categoria de sistemas alimentares e dentro deles, o sistema alimentar denominado moderno. O comitê considerou que eram aqueles que estão mais próximos do desenvolvimento da agroindústria e da indústria de comestíveis. Disponível (em espanhol) em: [http://www.fao.org/fileadmin/user\\_upload/hlpe/hlpe\\_documents/HLPE\\_Reports/HLPE-Report-12\\_ES.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/hlpe/hlpe_documents/HLPE_Reports/HLPE-Report-12_ES.pdf).

10 Preferimos usar esta categoria proposta pela FIAN Colômbia, para não falar do sistema alimentar moderno, referindo-nos especificamente ao padrão dominante determinado pela indústria de comestíveis.

11 *The Lancet Commissions*, em *The Lancet.com*, Vol. 393, Fevereiro de 2019. Esta publicação contém o resultado de uma análise multidisciplinar e internacional, realizada por um grupo de especialistas convocado por uma iniciativa da revista *Lancet*.

12 Na FIAN Colômbia temos trabalhado em uma definição que diferencia os “alimentos verdadeiros” dos “comestíveis”. Os “comestíveis” caracterizam-se por ser elaborados de maneira industrial e ter um alto nível de nutrientes críticos como açúcar, sal, gorduras e aditivos. Os “alimentos verdadeiros” são aqueles que passam por processamento mínimo ou não são processados, e que preservam sua matriz alimentar natural. Nós os vemos como sendo externos ao conceito de “dieta (altamente medicalizada e prescritiva), e vinculados à regeneração dos ecossistemas e integrados às perspectivas produtivas locais, familiares e sazonais, como a agroecologia.

13 *Relatório da Comissão para eliminar a obesidade infantil*, OMS, Genebra, 2016. Disponível, em inglês, em [www.who.int/end-childhood-obesity/final-report/en/](http://www.who.int/end-childhood-obesity/final-report/en/).

14 Op.cit.13.

lapso climático é um fator importante que contribui para a perda massiva de biodiversidade, ao mesmo tempo que a destruição dos ecossistemas é um fator-chave do aquecimento global.

É importante notar, no entanto, que o maior impacto sobre a biodiversidade atualmente está representado pelas práticas da agroindústria, o uso de pesticidas, a proliferação dos monocultivos extensivos (que leva concomitantemente, a várias das práticas mencionadas anteriormente) e pela expansão e intensificação da pecuária industrial.<sup>8</sup> Neste último caso, também existe uma condição de proximidade e de amontoamento que configura uma concentração de animais de uma única espécie. Esta prática desequilibra a relação com o meio ambiente e com espécies selvagens, e coloca no mesmo nível de risco os mercados de animais tradicionais e os estábulos e armazéns da agroindústria.

É evidente que com as práticas alimentares atuais, as sociedades contemporâneas têm contribuído através dos sistemas alimentares denominados modernos<sup>9</sup> à crise da biodiversidade e ao aumento do risco de permanência e surgimento de novas zoonoses, como é o caso da pandemia do COVID-19. A fragilidade ecossistêmica fortaleceu a transmissão de infecções de uma espécie para outra, as zoonoses de outras espécies à espécie humana e vice-versa. A seguir, veremos um exemplo de adaptação evolutiva, representado num modelo criado pela Fian Colômbia que procura explicar os perfis de doenças atuais e a sua relação de determinação com o atual padrão alimentar de tipo corporativo.<sup>10</sup>

## **DAS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS ÀS ZOOSE E ÀS EPIDEMIAS INFECIOSAS: A HISTÓRIA REPETE-SE**

Há mais de dois anos, a FIAN Colômbia trabalha no desenvolvimento de um modelo que permita construir uma relação generativa entre ecossistemas disfuncionais, impactados pelos sistemas alimentares contemporâneos, e o perfil de doenças e de formas de morrer das majorias nas populações dos países do mundo. As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) são aquelas que aparecem em primeiro lugar na morbimortalidade, já não mais apenas nos países do mundo industrializado, como também em países do sul, onde cada vez mais os padrões de alimentação tradicionais foram substituídos por padrões industrializados, sendo as mulheres as mais afetadas.

Em fevereiro de 2019, a chamada Comissão Lancet,<sup>11</sup> publicou um artigo no qual era apresentado um vínculo entre doenças crônicas, ecossistemas deteriorados e consumo de comida industrializada. A obesidade, como uma das expressões da malnutrição, principalmente na população de meninas, meninos e adolescentes, é um indicador da dupla carga nutricional. Nestes casos, produz-se de uma só vez uma carência de nutrientes e um excesso de nutrientes críticos pelo consumo predominante de produtos comestíveis<sup>12</sup> ultraprocessados; conhecidos vulgarmente como junk food . A obesidade é o principal factor de risco de que se padeça de uma DCNT, como vem relatando a Organização Mundial da Saúde (OMS) há vários anos.<sup>13</sup> Entre as populações mais afetadas, tanto pela obesidade e carga nutricional dupla, quanto pela divisão sexual do trabalho, encontramos as mulheres que acabam vivendo mais tempo, em piores condições sanitárias ligadas à alimentação.<sup>14</sup>

A produção industrializada de comestíveis é responsável tanto pelo padrão de doenças predominantes na maioria das sociedades contemporâneas (ou seja, as DCNT),

como pela fragilização dos ecossistemas pelos seus danos planetários. Essa industrialização é também um cenário propício para o surgimento da atual pandemia. Movida pela incerteza, a comunidade científica e política retornou à antiga lógica do isolamento populacional. As doenças infecciosas que eram consideradas superadas assumem a dianteira neste padrão misto de DCNT e novas doenças transmissíveis.

Num artigo publicado no ano passado na revista *Biodiv* 50,<sup>15</sup> propusemos uma análise holística do processo alimentar, no qual o impacto ecossistêmico e nutricional sobre a prevalência de DCNT expressa-se em forma de resistência “negativa ou inversa”, ou seja, uma adaptação que tende a favorecer a doença e a morte, sobre a preservação da saúde e da vida. Somos presas de uma carga dupla de doença, em que ressurgem os padrões de antigamente, o que nos coloca no confinamento como única alternativa.

### EM DIREÇÃO A UMA PROPOSTA HOLÍSTICA PARA O AGENCIAMENTO<sup>16</sup> ALIMENTAR

Ao aderir à proposta das filósofas e teóricas feministas Judith Butler, Donna Haraway<sup>17</sup> e Karen Barad,<sup>18</sup> entendemos o momento atual como um ponto de inflexão no qual, num breve período de tempo (em relação à história planetária) as reservas do planeta foram devastadas. Sob uma lógica de exploração e consumo de energias que queimam carbono, e com o propósito de suprir um sistema económico com aspirações de crescimento ilimitado, as condições de exclusão e de pobreza foram aberrantemente exacerbadas à custa do capital acumulado por alguns poucos. A era atual, caracterizada pela influência depredadora dos seres humanos e do capital, respectivamente, foi definida com a terminologia Antropoceno e Capitaloceno, em alusão às eras geológicas (pelo uso da terminação “ceno”), para denunciar um fenómeno que, sem a intervenção humana, teria levado milhares de anos ou teria seguido uma catástrofe natural.<sup>19</sup>

Os padrões alimentares corporativos encontram-se no centro desta tormenta, pois são o resultado e a causa da disfuncionalidade dos sistemas vivos e da doença coletivizada da espécie humana. Embora as mulheres sejam as principais vítimas desse processo patriarcal, elas representam ao mesmo tempo a capacidade de resistência e regeneração como “progenitoras”<sup>20</sup> do processo alimentar.

Diante do exposto, é necessário descentralizar o olhar exclusivo do ser humano, para entender que a possibilidade de aceder uma resistência “positiva”, proposta para a defesa da vida, requer a inclusão de todas as formas de vida, que chamaremos de Biota. Aqui a balança inclina-se para a biose<sup>21</sup> diversa, através do agenciamento de humanos e não-humanos. A recorrência da zoonose é um alarme que indica que estamos à beira do irreversível com a balança inclinada à “resistência negativa” e à abiose.<sup>22</sup>

A emergência planetária tem sido expressada na ausência de refúgios naturais para as espécies que ainda vivem, e isso é um indicador da urgência de agir-se em direção à regeneração da vida e dos seus habitats, sem aumentar o número de “refugiados”. Os estados neoliberais construíram um projeto que concebe o seu papel como “gestores de retorno de capital”, onde os indicadores de crescimento económico são concebidos a partir da ideia de progresso baseado no desenvolvimentismo extrativista da exploração e apropriação da natureza. As relações de poder são assim estabelecidas a partir de um ser humano “sujeito masculinizado” sobre as outras

15 H. Salcedo Fidalgo, “Comment sortir du système agro-industriel? Un enjeu de santé publique face à la protection de la biodiversité”, *Biodiv* 50, No. 19, Dezembro de 2019.

16 A seguir, chamaremos de “agência” o exercício coletivo, que reconhece o indivíduo imerso em suas identidades, como corresponsável pela construção permanente da realidade. Este é um processo contínuo e não algo predeterminado. Os agentes são cooperativos e reconhecidos como sujeitos e, quando atuam, são imersos sem hierarquia com agentes não humanos, no conjunto planetário.

17 Ver: Donna Haraway, “Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin”. *Environmental Humanities*, Vol.6, 2015.

18 Karen Barad, é pioneira na proposta de “realismo da agência”. Juntamente com Donna Haraway, ela faz parte do Departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, que inspiraram-se em seu trabalho crítico, sobre a filosofia de Judith Butler, a dar um passo em direção à “performatividade”. Ou seja, ao colocar ênfase onde os fenómenos ocorrem, onde coloca-se em evidência a dinâmica da exclusão.

19 As categorias de Antropoceno e Capitaloceno foram moldadas por Noboru Ishikawa, Anna Tsing, Donna Haraway, Scott F. Gilbert, Nils Bubandt e Kenneth Olwig em uma publicação para a revista *Ethnos* em 2014. Embora o termo antropoceno tenha sido usado anteriormente por Nils Bubandt, esta publicação foi definitivamente cunhada nas Ciências Sociais.

20 O termo foi usado em: Donna Andrews, Kiah Smith y M. Alejandra Morena, “Enfurecidas: mulheres e a natureza”, *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*. “O poder das mulheres na luta por soberania alimentar”. Edição 11, 2019: p.8.

21 Na visão de Donna Haraway, a biota e a biose são definidas como a força do que é vivo.

22 Em oposição à biota, a supressão de forças da vida. Também utiliza-se o termo “abiose”, nos dois casos seguindo a proposta das autoras mencionadas nas notas 19 e 21.

formas de vida do planeta, situação criticada pelo feminismo por autoras como Braidotti, Haraway, Butler e Cabnal.

Parece que chegou o momento em que devemos assimilar uma lição em que agentes humanos e não humanos são capazes de lutar pela vida, através de uma saída do capitaloceno, fora da lógica dos modos de apropriação, dominação e exploração da natureza nas relações patriarcais e de poder de classe.

Se conseguirmos colocar o direito à alimentação e nutrição no centro da ação coletiva na agência humana, poderemos pensar em uma intervenção capaz de permear todas as configurações do processo alimentar. Essa proposta nos permite, entre outras coisas, reafirmar as inter-relações fundamentais entre alimentação e nutrição, por um lado, e saúde, por outro. Ecossistemas saudáveis são uma condição essencial para uma nutrição boa e saudável, o que, por sua vez, é uma contribuição fundamental para a estruturação de um terreno imunológico adequado para os seres vivos. Esse ponto de vista vai além das ações focadas da ciência positivista voltadas exclusivamente para a busca de medicamentos e / ou vacinas contra patógenos, para outros problemas e suficientemente criticadas.<sup>23</sup>

23 Ver: H. Salcedo Fidalgo, « La vacunación es un experimento », *El Espectador*, 27 de novembro de 2014. Disponível (em espanhol) em: <https://www.elespectador.com/noticias/nacional/vacunacion-un-experimento-articulo-530130>.

Uma proposta mais holística é construída com a participação do conhecimento ancestral e das comunidades que protegem a biodiversidade e as sementes, a fim de aspirar ao surgimento de outras formas de defesa da biose.

## SEIS PROPOSTAS PARA O PRÓXIMO SEGUNDO

Sem a possibilidade de adiar ações coletivas por mais um segundo e de acordo com o direito à alimentação e nutrição, queremos concluir essa análise na forma de propostas para o agenciamento da ordem alimentar:

Bloquear coletivamente o avanço dos chamados sistemas alimentares modernos, por meio da política coletiva de exigir que os Estados abandonem definitivamente o padrão alimentar corporativo. Isso só é possível através da produção agrícola camponesa, étnica, familiar, comunitária e agroecológica liderada por mulheres, que demonstraram a sua capacidade de alimentar o mundo.<sup>24</sup>

24 Ver o artigo (em inglês) que fortaleceu este argumento em 2017: A. Muller, et.al, «Strategies for feeding the world more sustainably with organic agriculture». *Nature Communications*, Vol. 8, 2017.

Desviar o olhar exclusivo da espécie humana e do modelo social e económico patriarcal, ao gerenciar a nossa influência individual e coletiva na construção de um “parentesco”<sup>25</sup> que incorpora as forças de todos os géneros, e de todas as formas de vida e biose.

25 Por este termo, nos referimos à categoria “parente/parentesco” criada por Donna Haraway a partir do vocábulo em inglês *kin*. Op. cit.17. Refere-se ao vínculo que se constrói com outros seres vivos, para tornar os humanos parte de toda a biota, com um senso de “parentesco”.

Substituir o consumo de bens pela geração de insumos que promovam força biótica e resiliência positiva em todas as áreas: ambiental/ecológica, social, espiritual, económica e cultural, por meio de políticas de cuidado como imperativo coletivo, que eles têm como centro a reprodução social do papel da mulher.

26 Ver nota 12.

Propor a defesa de bens comuns como alimento “verdadeiro”,<sup>26</sup> a água, o espaço, a biota, para que sejam trocados e compartilhados, fora dos interesses do mercado.

Recorrer a uma forma de governação baseada na equidade e na governação policêntrica, que ofereça alimentação e nutrição adequadas a todas as pessoas em qualquer momento do ciclo da vida, reconhecendo a soberania alimentar como um objetivo por meio de formas de poder coordenadas entre diferentes centros. e níveis espaciais.

Reconfigurar uma aliança internacional para a biose que impeça o colapso do sistema Organização das Nações Unidas sem dar lugar a um novo pilar de unidade entre os povos para a vida planetária. Nessa aliança, o direito humano à alimentação e nutrição adequadas deve prevalecer, como eixo norteador dos horizontes de defesa da biose.

Essas e outras ações tornam-se essenciais em um momento histórico em que devemos repensar os estilos atuais da vida humana, sob pena de fechar definitivamente a possibilidade de que é a vida que prevalece sobre o interesse material efêmero e uma miragem do que seria a civilização.



#### **EM RESUMO**

A epidemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde em janeiro de 2020, suscita debates sérios sobre suas relações com os processos alimentares na era do capitalismo. Por um lado, destaca as evidências da transmissão de agentes infecciosos por causas diretamente ligadas aos chamados sistemas alimentares modernos, pois enfraquecem a biodiversidade e, portanto, estimulam a passagem de agentes virais de espécies animais para humanos. Por outro, mostra que o terreno propício para o desfecho fatal da doença é o mesmo já produzido pelo processo alimentar corporativo em doenças crônicas não transmissíveis. Além do projeto científico convencional que visa medicamentos e vacinas, o artigo propõe uma saída da crise descrita em seis propostas por meio da noção do agenciamento alimentar. Ela integra a abolição do modelo de desenvolvimento patriarcal do padrão alimentar corporativo, ao privilegiar o cuidado coletivo liderado pelas mulheres por meio da agroecologia familiar e comunitária, que promove a vida planetária no âmbito da soberania alimentar, entre outros.



#### **CONCEITOS-CHAVE**

- A transmissão de agentes infecciosos de outras espécies para a espécie humana, como parece ser o caso do vírus responsável pela pandemia atual, é denominada zoonose e é um fenômeno relacionado à fragilidade dos ecossistemas.
- A pesquisa liderada por um grupo de especialistas do Comitê de Segurança Alimentar Mundial, construiu um modelo sistêmico para explicar o processo alimentar, que é integrador, mas insuficiente, chamado de modelo de sistemas alimentares.

- O processo alimentar, que é mais integrador e holístico, permite a distinção de um padrão alimentar corporativo dominante, baseado no agronegócio e parcialmente responsável por doenças crônicas não transmissíveis e pelo colapso da natureza.
- A atual situação de adaptação de espécies vivas à agressão humana parece favorecer a adaptação negativa, na forma de doenças, também proposta como resistência reversa.
- Antropoceno e Capitaloceno são os nomes que pesquisadores contemporâneos e alguns autores atribuíram às consequências planetárias dos danos humanos ao planeta devido à preponderância de um sistema extrativista e patriarcal que explora a natureza sem limites.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

- SARS-CoV-2
- COVID-19
- Antropoceno
- Capitaloceno
- Sistemas alimentares
- Padrão alimentar corporativo
- Biose
- Agenciamento
- Extrativismo
- Colapso climático
- Biodiversidade
- Pandemia

